

Sombras Elétricas

10 filmes para conhecer o cinema palestino



Gaza Mon Amour (2020), dir.: Tarzan Nasser e Arab Nasser

O conflito israelo-palestino é um dos maiores nós górdios (senão o maior) do mundo há mais de 100 anos. É o único conflito ainda em andamento cujas raízes remontam diretamente ao imperialismo europeu do século XIX, mesmo após duas guerras mundiais. É claro que o Estado de Israel foi fundado somente em 1948, mas a disputa por **autodeterminação** dos povos judeu e árabe-palestino (muçulmanos e cristãos), tendo como objeto o mesmo território, ocorre desde antes da 1ª Guerra Mundial (1914).

Tão renhido quanto o conflito armado em si, é o debate que ocorre sobretudo nas redes sociais. É fato científico que questões geopolíticas não podem ser reduzidas sumariamente a cruzadas morais dos bons contra os maus, dos carrascos contra as vítimas, dos fiéis contra os infiéis, sob risco grande de se verem potencializados os extremismos e a violência de lado a lado. No entanto, por motivos

que os pesquisadores acadêmicos ainda lutam para desvendar, o conflito israelo-palestino desperta paixões quase viscerais, que contaminam grupos inteiros como ondas de modismos culturais. Fato é: tanto o **antisemitismo** quanto o **antiislamismo** são forças atuantes não-desprezíveis no mundo contemporâneo, à direita e à esquerda no espectro político-ideológico.

Nós, que apreciamos, estudamos ou fazemos arte, conhecemos o poder privilegiado que ela tem em promover experiências vivenciais do Outro, que vão muito além do pequeno quadrado histórico-social que ocupamos no mundo, enquanto indivíduos ou grupos de relações mais imediatas. A experiência de arte e de cultura é imprescindível: também conhecemos o perigo que é lidar com a vida humana e suas necessidades a partir, exclusivamente, de teses, de teorias abstratas, de ciência “pura” pensada sempre a

partir do macro. O compartilhamento de emoções e de vivências, ainda que fictícias (mas sempre verossímeis), na tática compensatória da catarse, ajuda a nos sensibilizar quanto ao Outro e, com isso, a nos engajarmos melhor na defesa de sua humanidade.

Por isso, trago para vocês, esta semana, uma lista com 10 filmes plenos de **vivências** da identidade palestina, felizes ou traumáticas, para que todos vejam que o povo palestino não é mera função ou ferramenta de capital político - ao contrário do que pensa muita gente, à direita e à esquerda. O povo palestino existe, é muito real, concreto, humano.

O povo palestino é rico, multifacetado, complexo e **contraditório** como qualquer agrupamento humano. São sujeitos históricos que não podem ser reduzidos a fundamentalistas-terroristas semi-selvagens, tampouco a vítimas para-

digmáticas, submetidas a outros “mais capacitados” que falem por eles e briguem por eles, servindo exclusivamente à faxina de consciências culpadas de supostos heróis salvadores brancos, ocidentais, do Norte Global (às vezes, também do Sul Global: a militância terceiro-mundista em sua forma mais tosca).

Para além dos próprios filmes, quem quiser adquirir o também importante conhecimento científico e, ao mesmo tempo, vivencial na forma escrita sobre o povo palestino, recomendo fortemente começar por dois livros, ambos de autores palestinos prestigiados:

1. **A Questão Palestina, de Edward Said.**
2. **Palestinian Identity: the construction of modern national consciousness, de Rashid Khalidi** (sem edição brasileira).

1. *Paradise Now*

(Estado da Palestina / França / Alemanha / Países Baixos / Israel, 2005), dir.: Hany Abu-Assad

Berlin Alexanderplatz (1980), de Rainer Werner Fassbinder, é a maior (seria a primeira?) obra audiovisual a revelar, entre um tom de tragédia e sátira, como o extremismo (todo e qualquer extremismo, não importa a coloração política particular) não sobrevive sem seus “peões”, pobres-diabos ou idiotas úteis geralmente recrutados entre a população economicamente mais vulnerável, com pouca ou nenhuma perspectiva de vida e de futuro, seja perspectiva objetiva ou subjetiva.

Paradise Now mostra bem como o terrorismo fundamentalista recruta dois jovens precarizados para uma missão suicida com a promessa de ganharem no além-vida o respeito (incluindo o auto-respeito) que não

recebem aqui neste mundo. Em suas escolhas, há muito de um processo mal-resolvido de auto-afirmação adolescente, de carência de ritos de passagem realmente significativos que os levem a assumir responsabilidades construtivas (inclusive a de um engajamento político em formas legítimas, para além da puerilidade homicida que caracteriza todo ato terrorista, para além do valor justo da causa).

Neste ponto, é interessante ver, hoje em dia, *Paradise Now*, que nos revela o abismo desesperado e desesperador da luta armada (ou terrorismo) muçulmano-palestina abastecida por doses generosas de extremismo religioso, em paralelo com a minissérie *Our Boys* (2019, da HBO, baseada em uma história real) que

trata do terrorismo fundamentalista religioso judaico-israelense.



2. *Lemon Tree*

(Estado da Palestina / França / Alemanha / Israel, 2008), dir.: Eran Riklis



As grandes coisas estão contidas nas pequenas. Não há nada que seja tão banal que não mereça a melhor de nossa atenção, pois lá é que as nossas questões se revelarão de maneira mais especial. Assim, as coisas mais desprezadas tornam-se as mais valiosas, porque significam. É assim que alguns limoeiros carregam em si os pontos mais importantes do conflito israelo-palestino.

A alegoria, aqui, vai mais longe do que parece. Os limoeiros não apenas representam a terra, a etnia, a religião, a cultura em conflito; os limoeiros são a própria humanidade de uma mulher, sua história de vida, seus afetos, sua alma. Os limoeiros não são nada que diga respeito exclusiva e particularmente ao povo palestino, os limoeiros somos todos nós

que ainda não abdicamos de nossa humanidade. Essa dimensão da sensibilidade jamais deve ser deixada de lado no debate político, sob risco de repetirmos uma vez mais formas de barbárie cujos resultados já conhecemos bem demais.

A sensibilidade e o foco no pequeno, no particular, mas na medida em que revelam dimensões mais abrangentes, são as ricas experiências que este filme nos proporciona. O mais surpreendente é que o roteiro se baseia numa história real, o que serve para mostrar o quanto a vida e o mundo são repletos de coisas e de acontecimentos altamente significativos em sua “insignificância”, dotados naturalmente de incríveis potenciais estéticos, apenas à espera do olhar atento do artista. Ou de

qualquer um de nós. A história é a de uma solitária viúva palestina, Salma Zidane, que vive a cuidar de um pomar de limoeiros herdados do seu falecido pai. Quando se muda para a propriedade do lado ninguém menos que o ministro da defesa de Israel, Israel Navon, o inferno da pobre senhora começa.

O ministro, apoiado pelo serviço secreto, dá a ordem para que se derubem as árvores, uma vez que elas poderiam servir de “esconderijo” para terroristas. A Sra. Zidane não acata a decisão, e resolve travar uma batalha jurídica para tentar derrubar a política territorial do ministro, com a ajuda de um jovem e inexperiente advogado (também palestino). É a jornada solitária do “fraco” contra os “fortes”, embora a Sra. Zidane não estará tão sozinha assim: ela encontrará apoio de onde menos espera, mas também oposição.

O leitmotiv visual do filme são muros e cercas que separam, isolam as pessoas. É uma solução demasiado fácil para nossas dificuldades de convivência e aceitação do outro. Os limoeiros representam o poder de uma natureza que compõe um sistema orgânico com tudo e com todos. Todos precisamos de limões – inclusive o ministro de Israel, como se vê – assim como os limões precisam de todos nós; quero dizer, os limões não escolherão entre as mãos de um lavrador judeu ou árabe. A cegueira lúcida da natureza, mais uma vez, contra a lucidez cega de uma civilização sectária, dissociada, no final das contas moribunda.

3. Ave Maria

(Estado da Palestina / França / Alemanha, 2015), dir.: Basil Khalil

Uma família judaica de colonos israelenses religiosos na Cisjordânia (território ocupado por Israel à revelia da legislação internacional) viaja por uma região inóspita, quando o automóvel pifa. Sem outra escolha, vão pedir ajuda e abrigo em um convento católico ali perto, cujas freiras

vivem em voto de silêncio.

O problema é que a família em questão também não pode falar ao telefone, porque acabara de começar o Shabat (período sagrado para a religião judaica que vai do anoitecer da sexta-feira ao anoitecer do sábado, durante o qual são proibidas diversas

tarefas que envolvem o uso de tecnologia). Está instaurada a confusão.

Com boa dose de humor e politização afiada, este curta-metragem de apenas 15 minutos resume com maestria não só a realidade do conflito, como também propõe um escopo de ação ética construtiva - o que é raro quando se toca neste assunto, como já dissemos.

É o humor como ferramenta privilegiada para destruir o que precisa ser destruído (preconceitos, injustiças, segregação) e para construir o que precisa ser construído (tolerância, convivência, colaboração), na busca por justiça para todos os povos e uma noção de democracia e república efetiva.



4. In Between

(França / Israel, 2016), dir.: Maysaloun Hamoud

Um fato que poucos no Brasil conhecem ou parecem pouco se importar em conhecer é que 21% da população de Israel (excetuando-se os territórios de Gaza e da Cisjordânia) é formada por árabes muçulmanos ou cristãos. É uma minoria numerosa que, em Israel, costuma ser chamada de "árabes israelenses"; no entanto, eles próprios preferem ser chamados de "palestinos israelenses".

Essa minoria compartilha da cidadania oficial israelense e de praticamente todos os direitos civis dos cidadãos israelenses judeus. Votam e se candidatam em eleições para cargos executivos e legislativos, formam partidos políticos e ocupam muitos postos de trabalho prestigiados: há bastantes advogados e médicos palestinos dentro de Israel.

Porém, isso não elimina por completo a discriminação, como mostra o ótimo *In Between*, que adiciona ainda

o dado da discriminação de gênero contra as mulheres - a qual ocorre também com bastante força dentro da própria população palestina muçulmana ou cristã.

Financiado por institutos de fomento israelenses, mas com equipe, personagens, história e temática majoritariamente palestinas, o filme acompanha 3 amigas palestinas israelenses que vivem, estudam e trabalham na cosmopolita Tel Aviv. Duas delas (uma de família cristã, a outra laica) vivem a vida boêmia de qualquer jovem das grandes metrópoles: festas, álcool, drogas, sexo. E ambas são LGBT.

A terceira (muçulmana praticante) descobrirá da pior maneira a misoginia que se esconde por trás da cortina religiosa da família tradicional. Todas, cada uma à sua própria maneira, sofrerão algo que um recente artigo no *Haaretz* (jornal progressista is-

raelense) recentemente apontou: muito se discute a divisão territorial entre palestinos (árabes) e israelenses (judeus); mas pouquíssimo se fala da opressão da mulher em AMBAS as sociedades, ainda mais da mulher LGBT.



5. Wajib

(Estado da Palestina / Alemanha / Colômbia / Emirados Árabes Unidos / França / Noruega / Qatar, 2017), dir.: Annemarie Jacir



O jovem Shadi, palestino israelense, retorna à cidade de sua família (Nazaré), depois de longos

anos estudando na Itália, para cumprir junto do pai o *Wajib* (prática tradicional de distribuir convites para o casamento da irmã). Em quase todos os aspectos, Shadi é agora um *hipster* cosmopolita, mas se mantém intransigente na defesa extremista da causa palestina, sem reconhecer o direito aos judeus de um estado nacional.

Nisto, ele contrariará fortemente o pai, velho professor de escola que segue uma linha mais pragmática:

dividir o território com os judeus e fazer acordos que beneficiem ambas as partes. Instaura-se um conflito não só de gerações, mas de visões de mundo que carregam todas as belas tradições humanas: o pai é apolitizado e tende ao conformismo, mas é bastante engajado na vida da comunidade e seus problemas do dia-a-dia; já o filho, cego de deslumbre ideológico, conhece pouco da vida real do seu país e de como resolver problemas de fato.

6. *Tel Aviv on Fire*

(Estado da Palestina / Bélgica / França / Israel / Luxemburgo, 2018), dir.: Sameh Zoabi

Salam é um jovem roteirista palestino que mora em Jerusalém Oriental (a porção palestina de Jerusalém) e trabalha na Cisjordânia, em uma novela de TV que é o maior sucesso tanto entre a população palestina. Todos os dias, ele precisa passar pelos rigorosos *checkpoints* estabelecidos na fronteira entre os territórios pelo exército israelense.

Até que um oficial resolve tomar Salam para praticar a pequena autoridade. Este, com medo de não conseguir chegar ao trabalho, diz ao militar que escreve para a novela em questão, ao

que descobre que o israelense é um grande fã do folhetim. Então, este promete não importunar mais o jovem palestino, contanto que ele aceite algumas “sugestões” para o roteiro do programa.

O rapaz, então, tentará convencer os produtores a fazer as mudanças, uma mais esdrúxula do que a outra, fazendo-os crer que vêm dele mesmo. O desenvolvimento do filme vai muito além dessa sinopse inicial e, como se pode ver, é uma comédia de situações bastante saborosa.

Muito do conflito israelo-

palestino resume-se a uma disputa de narrativas, e *Tel Aviv on Fire* dá a essa disputa de *plots* uma dimensão satírica, tomando Israel como os donos da narrativa dominante e ainda utiliza, para tanto, um procedimento cinematograficamente poderoso, que é recrutar um ator palestino para interpretar um personagem israelense (o militar). Não há como não lembrar do cineasta egípcio Youssef Chahine que, em *Saladin* (1963), escalou um ator árabe para interpretar o rei britânico Ricchard Lionheart, pondo-lhe uma peruca ruiva.



7. *Screwdriver*

(Estado da Palestina / EUA / Qatar, 2018), dir.: Bassam Jarbawi

Ziad é um homem que passa 15 anos encarcerado no sistema prisional israelense após participar, na juventude, de uma tentativa de homicídio juntos dos amigos (que não vão presos). Eles tentavam se vingar da morte de um amigo do grupo; para isso, tentaram matar um homem que acreditavam ser israelense, mas era palestino.

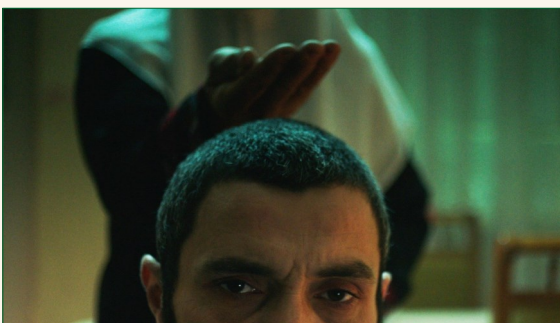
O que segue, com a liberdade recém-conquistada, são as típicas dificuldades e traumas de ex-presidiários, com o agravante político da questão.

O filme, que é a estreia de Jarbawi na direção, tem uma fotografia belíssima e uma história que harmoniza bem as vivências

individuais e as coletivas/históricas, sob a chave do drama e da tragédia.

O único ponto negativo é que essa harmonia desaba completamente na conclusão, que assoma como gratuita, desnecessária, servindo mais como

“chave de ouro” para a mensagem política do filme, do que como consequência lógica do desenvolvimento do personagem que, durante o filme inteiro, foi muito bem trabalhado.



8. *It Must Be Heaven*

(Estado da Palestina / Alemanha / Canadá / França / Qatar / Turquia, 2019),
dir.: Elia Suleiman

O Paraíso Deve Ser Aqui é um título que trai a ironia sutil, mas altamente provocativa, com que o cineasta palestino Elia Suleiman vem erguendo uma bela filmografia. Deve ser “aqui” onde? Em Nazaré? Paris? Nova Iorque? Em todos esses lugares? Em nenhum desses lugares?

O título em inglês (*It Must Be Heaven*) pode sugerir possibilidades mais abrangentes: “isto deve ser o paraíso” pode se referir não a uma localidade geográfico-espacial, mas a, digamos, um estado de espírito, uma situação vivida, um encontro, um relacionamento, uma revelação transfiguradora.

O encontro entre o cineasta-protagonista e a mulher camponesa que carrega cumbucas de água dentro de um idílico bosque na bíblica paisagem da Galileia, encontro esse que se repetirá no final do filme, por efeito de busca do próprio Suleiman, pode ser talvez sinal desse paraíso enquanto epifania, em conformidade ao cristianismo do diretor.

O fato é: nenhum dos locais ou encontros vividos pelo cineasta-andarilho em espaço da “civilização” deixa de ser relatado de maneira derisória – com o fino sarcasmo de que falaremos mais adiante. Exceto a experiência da camponesa no bosque da Galileia – a qual, diga-se de passagem, nem pode ser considerada um encontro; antes, uma observação.

Sim, o voyeurismo é elemento estruturador nas relações entre o eu (Suleiman) e o mundo neste filme. Predomina uma observação distan-

ciada, às vezes não-percebida, mas geralmente dotada de certa malícia: no juízo satírico ou na intencionalidade do observador que faz questão de (se) mostrar a nós que sim, ele está ali presente.

Esse gosto pelo registro de lugares e pessoas poderia fazer com que vissemos no filme algo de documentário. Mas, na verdade, não. Por duas razões. Primeiramente, a presença do próprio cineasta em cena é particularmente significativa: não pelo testemunho observacional em si, mas pelas relações que se revelam ou estabelecem.

A própria figura conhecida do eu artista-diretor se coloca no mundo, circula pelo mundo, como que se expondo em uma arena pública. Os “embates” que se seguirão fazem por testar a identidade (ou identidades), configuração ou legitimidade desse mesmo eu, pondo-o em questão enquanto sujeito histórico, social, político e artístico-cultural.

Lembremos a reação histriônica do taxista novaiorquino ao praticamente arrancar de Suleiman a informação de que é palestino de Nazaré, em uma tentativa forçadamente amistosa de puxar conversa. Ou a invisibilidade do autor-personagem para os policiais parisienses que fiscalizam a medida da ocupação das mesas do bistrô na calçada.

Ou ainda a recusa do produtor francês ao seu novo roteiro, por não ser “palestino” o “suficiente”, e o desprezo sumário que outra executiva de estúdio (NY) lhe dispensa, mesmo

depois da indicação dada pelo amigo Gael Garcia Bernal – o qual faz questão de reforçar, ao telefone, que Suleiman não é palestino “de Israel”, mas palestino da Palestina. Essas situações vividas dão certo ar ensaístico para *O Paraíso Deve Ser Aqui*. Eu disse “ensaístico”, como adjetivo, porque a elaboração dos fatos é ficcional, assumidamente encenada.

A segunda razão é que a encenação caricatural de pessoas e objetos em pequenas rotinas cotidianas, chegando às raias do estranhamento surrealista, remete à sutil sátira social de Jacques Tati. Repetições incidentais de padrões geométricos, gestos habituais coreografados e pequenas ações automatizadas dotadas de um humor cartunesco (a fileira de cavalos militares que desfila com o pequeno veículo de limpeza urbana seguindo logo atrás e recolhendo o estrume deixado) lembram bastante as gags visuais do diretor de *Playtime* (1967).

Assim como Tati, Suleiman demonstra crer que o mundo ultracivilizado da pós-modernidade acaba paralisado no gesto burlesco da sua segunda natureza – como nos desenhos em que o personagem, após cair em cimento fresco, acaba enrijecendo-se ao se erguer. Então, a velha ideia do retorno a uma natureza idílica (o Éden antes da Queda) volta uma vez mais com seu charme tentador. O paraíso talvez seja lá.



9. *Gaza Mon Amour*

(Estado da Palestina / Alemanha / França / Jordânia / Portugal, 2020), dir.: Tarzan Nasser e Arab Nasser

Issa, um pescador sexagenário da Faixa de Gaza, nutre uma paixão secreta por Siham (Hiam Abbass, a Marcia Roy de *Succession*), uma vendedora de tecidos no mercado local. Um dia, ele “pesca” uma estátua romana de bronze do deus Apolo, escultura essa que possui detalhes fálcos bastante proeminentes.

Não vai demorar para que o Hamas, organização fundamentalista e terrorista que governa Gaza com mão de ferro, demonstre firme interesse em se apropriar da estátua e vendê-la para comprar mísseis que serão usados em ataques contra a população civil de cidades israelenses (ataques que atingem indiscriminadamente tanto judeus israelenses quanto palestinos israelenses). Issa sabe que o Hamas não lhe dará opção de recusar-se a entregar a estátua, tampouco lhe dará qualquer compensação financeira por ela - o que, junto dos bloqueios promovidos por Israel a Gaza, dificulta bastante a vida do pobre pescador.

Mas, mesmo com esse grande problema, Issa encontra ânimo e coragem para se aproximar de Siham.

Histórias de amor na 3a idade já têm um poder incrível, por si só, de despertar uma calorosa e reconfortante empatia. O longa dos irmãos Nasser soma a esse potencial de comoção a igualmente tocante condição de vida do povo palestino que vive (sobrevive) na Faixa de Gaza. É nesse cenário de guerra e pós-guerra (e guerra novamente, a qualquer momento) constante, a anormalidade normalizada (como se a Itália neorrealista do pós-guerra fosse um estado perpétuo), que se desenvolve a bela história de amor entre o pescador e a costureira - pois a

vida sempre encontra um jeito.

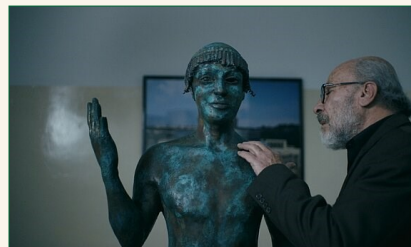
Gaza Mon Amour caminha na corda-bamba entre o romance catártico, a sátira político-social e o neorrealismo social humanista, com um sutil sub-tom de melancolia que é índice maior da experiência humana que o filme nos oferece: toda questão geopolítica, econômica ou social re-

e manutenção violenta de poder (em constante guerra inclusive contra o Fatah, que governa o território palestino da Cisjordânia), do que com o bem-estar da sua própria população. Há um número crescente de moradores de Gaza que se opõem aos desmandos do Hamas, o qual reprime violentamente qualquer dissidência, é claro.



duz-se (precisa reduzir-se) ao seu elemento mais importante - as vivências das pessoas comuns no seu cotidiano “normal”.

E é justamente por ter esse foco no elemento humano historicamente situado que os irmãos Nasser são absolutamente impiedosos na crítica satírica (sem deixar de lado aquele incômodo tom melancólico) tanto ao Estado de Israel, quanto ao Hamas. Este último está, evidentemente, muito mais preocupado com a sua própria agenda extremista de tomada



10. *200 Meters*

(Estado da Palestina / Itália / Jordânia / Qatar / Suécia, 2020), dir.: Ameen Nayfeh

Mustafa e sua esposa Salwa moram em casas separadas: é uma distância de apenas 200 metros, mas entre elas há o muro que separa Israel (onde mora Salwa com os filhos do casal) da Cisjordânia (onde mora Mustafa). Todas as noites, Mustafa acende uma luz de sua varanda para desejar boa noite aos filhos do outro lado. Um dia, Mustafa é informado de que seu filho sofrera um acidente (o qual foi leve, mas o pai não recebe informação alguma quanto a isso).

Ele corre para atravessar o *checkpoint*, onde espera em longa fila apenas para ter sua passagem negada por um problema burocrático. Desesperado, Mustafa recorre a “coiotes” que possam levá-lo ao território israelense e visitar

seu filho no hospital.

As pessoas não são meras caricaturas de função exclusivamente político-ideológica. Mesmo inescapavelmente inseridas em contextos histórico-sociais específicos, não podem ser reduzidas a tanto e instrumentalizadas por interesses outros (não importa quais sejam). A maioria dos discursos, no Ocidente, que falam sobre Israel ou Palestina, a favor ou contra, não fazem a menor ideia do que são essas entidades, do que elas contêm e do que se passa dentro de suas fronteiras. Israel e Palestina costumam ser imagens fantasmáticas usadas tão somente para incitar ou apaziguar ânimos ideológicos.

200 Meters não cai nessas armadilhas. A natureza da questão Palestina é complexa, muitas vezes contraditória, assim como as vivências dos seus sujeitos históricos. É um emaranhado, um nó. O filme expressa bem esse caráter, com sensibilidade, calor humano e até humor, sem descuidar da justa dose de empatia e indignação crítica.

